



SENADO FEDERAL

PROJETO DE LEI DA CÂMARA

Nº 122, DE 2013

(Nº 3.683/2012, na Casa de origem, da Deputada Sandra Rosado)

Inscreve o nome de Antonia Alves Feitosa, conhecida como Jovita Alves Feitosa, no Livro dos Heróis da Pátria.

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

Art. 1º Fica inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia Tancredo Neves, em Brasília, Distrito Federal, o nome de Antonia Alves Feitosa, conhecida como Jovita Alves Feitosa.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PROJETO DE LEI ORIGINAL Nº 3.683, DE 2012

Inscribe o nome de Jovita Alves Feitosa no Livro dos Heróis da Pátria;

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília-DF, o nome de Jovita Alves Feitosa.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

Jovita Alves Feitosa foi voluntária nas tropas brasileiras durante a Guerra do Paraguai. O Dicionário de Mulheres do Brasil – de 1500 até a atualidade – a classifica como heroína e adianta que não há consenso quanto ao local onde nasceu, no Estado do Piauí ou do Ceará, que sua história é envolta em mistério, assim como sua morte, em 1867. O fato é que Jovita é conhecida pela bravura e destemor com que, aos 17 anos de idade, se preparou para lutar na Guerra do Paraguai, apesar do machismo e das convenções sociais da época.

Conta-se que, disfarçada de homem, com os cabelos cortados e usando um chapéu de couro, foi à capital, onde se agrupavam os *Voluntários da Pátria*, alistar-se para ir à guerra. Antes de partir, foi, contudo, descoberta por outra mulher, que percebeu os furos em suas orelhas e a denunciou às autoridades. Ao ser levada para interrogatório policial, descartou a possibilidade de se alistar como auxiliar de enfermeira e manifestou a intenção de lutar nas trincheiras. Dessa forma conseguiu ser aceita no efetivo do Estado, com a permissão de Franklin Dória, o Barão de Loreto, então presidente da Província do Piauí, que lhe incluiu no Exército Nacional como segundo sargento.

Consta que, no navio a vapor que saiu de Teresina, havia 335 voluntários que seguiram até Parnaíba, onde outros combatentes se juntaram, perfazendo o total de 1.302 piauienses. A viagem seguiu pelo Maranhão, por Pernambuco, e chegou ao Rio de Janeiro, em 9 de setembro de 1865.

Jovita tornou-se, no Rio, personalidade pública e notória. Todos queriam saber da mulher do Piauí que queria ir à guerra. Foi aclamada pelo povo e recebeu inúmeras homenagens, discursos e admirações devido à sua atitude patriótica. Apesar do clamor, o então Ministro da Guerra, Visconde de Cairú, expediu um ofício, negando-lhe permissão para a frente de combate e dando-lhe apenas o direito de agregar-se ao Corpo de Mulheres que iria prestar serviços compatíveis com a natureza feminina.

Impedida de ir aos campos de batalha, Jovita fixou-se no Rio de Janeiro, decepcionada com o acontecido. Longe de sua terra e de sua família e fortemente amargurada, envolveu-se com um engenheiro inglês chamado Guilherme Noot, passando com ele a viver. Depois das muitas frustrações e abandonada pelo amante, caiu em profunda depressão e acabou suicidando-se com uma punhalada no coração, com apenas dezenove anos de idade.

O escritor gaúcho Assis Brasil escreveu um romance histórico sobre sua vida: *Jovita – missão trágica no Paraguai* (1993). Segundo o *Dicionário Mulheres do Brasil*, a editora assim apresenta o livro: “Humilhada e prostituída, vidente e guerreira, Jovita ressurgiu de página esquecida da História pelas mãos mágicas do romancista. Como Joana D’Arc, acredita num sonho e parte para a guerra...”

O historiador José Murilo de Carvalho, no livro *Cidadania no Brasil – Um longo caminho*, ao abordar como as guerras são fatores importantes na criação de identidades nacionais, destaca o efeito da Guerra do Paraguai para a formação da ideia de pátria no Brasil. “Para muitos brasileiros, a ideia de pátria não tinha materialidade, mesmo após a independência. Vimos que existiam no máximo identidades regionais. A guerra veio alterar a situação. De repente havia um estrangeiro inimigo que, por oposição, gerava o sentimento de identidade brasileira. (...) Podem-se mencionar a apresentação de milhares de voluntários no início da guerra, a valorização do hino e da bandeira, as canções e poesias populares. Caso marcante foi o de Jovita Feitosa, mulher que se vestiu de homem para ir à guerra a fim de vingar as mulheres brasileiras injuriadas pelos paraguaios. Foi exaltada como a Joana d’Arc nacional. Lutaram no Paraguai cerca de 135 mil brasileiros, muitos deles negros, inclusive libertos.”

O Livro dos Heróis da Pátria, depositado no Panteão da Pátria e da Liberdade Tancredo Neves, destina-se ao registro perpétuo do nome dos brasileiros ou de grupos de brasileiros que tenham oferecido a vida à Pátria, para sua defesa e construção, com excepcional dedicação e heroísmo. Jovita deixou sua família e terra natal, de forma voluntária, para se juntar à luta em defesa do Brasil na Guerra do Paraguai. Seu desejo se frustrou não por falta de coragem ou de perseverança, mas sim por sua condição feminina. Esse sonho, esse desejo, indiretamente, acabou custando-lhe a vida. A história, mesmo que breve, dessa brava mulher contribuiu, certamente, para o engrandecimento do espírito cívico na época e como incentivo para a luta da emancipação da mulher brasileira. Por essas razões, o nome de Jovita Alves Feitosa deve figurar no Panteão da Pátria, razão pela qual solicito dos meus ilustres Pares a aprovação da matéria.

Sala das Sessões, em 12 de abril de 2012.

Deputada SANDRA ROSADO

(À Comissão de Educação, Cultura e Esporte)

Publicado no DSF, de 7/12/2013.

Secretaria de Editoração e Publicações - Brasília-DF

OS: 17788/2013